



CAPÍTULO 1

.....

Regra: *Nunca namores com um rapaz que acabaste de conhecer. Tanto pode ser um sociopata como um rapaz simpático.*

— Ei — disse eu, deixando deslizar do ombro o saco de praia até ao chão de ladrilhos axadrezados do café. — Pensava que saías às quatro.

A Kamala, a minha melhor amiga, suspirou atrás da caixa registadora.

— O Lewis ligou a dizer que estava doente, por isso a Meg perguntou se eu podia ficar.

— A tua patroa má pediu-te que ficasses e tu disseste: «A Wren que se lixe, claro que posso ficar.»

— Chiu! — Olhou por cima do ombro em direção à sala das traseiras, depois atirou-me uma coisa por cima do balcão. — Eu sei, estou a estragar a tua tarde perfeitamente planeada.

O projétil atingiu-me no ombro, antes de aterrar no chão.

— O que era aquilo? — Semicerrei os olhos em direção ao chão.

— Um bocado de *muffin*?

— Uma pepita de chocolate.

O café onde a Kamala trabalhava também vendia bolos, expostos numa vitrina iluminada.

Peguei na pepita de chocolate e atirei-a para o lixo.

— A que horas saís?

— Às seis.

— Às seis? Já não queres ir à praia? — Lá se iam os meus planos para a tarde.

Ela revirou os olhos.

— De qualquer modo, também não ias entrar na água, sua *Odiadora* do Oceano.

— Eu molho os pés! Tu sabes quantos predadores vivem no oceano?

— Não são *teus* predadores, Wren.

— Tu é que me mostraste aquele vídeo da baleia a engolir uma caiaquista.

— Ela só estava à frente da comida verdadeira. A baleia cuspiu-a.

— Cuspiu-a? *Esse* é o teu argumento a favor de nadar no oceano? Estou bem, obrigada. — Puxei o elástico do rabo de cavalo e refiz o coque desgredhado no reflexo da foto emoldurada de uma prancha de *surf* pendurada na parede. — E o que me dizes do grande tubarão-branco que há seis meses comeu aquele homem mesmo aqui na nossa praia? Continua por lá com o sabor de sangue humano na boca.

— É mais provável seres atingida por um relâmpago do que atacada por um tubarão.

— E não me vês a andar por aí com uma vara de metal, pois não? A Kamala abanou a cabeça.

— Sabes que a praia ainda vai existir daqui a umas horas. Podemos ir ver o pôr do sol, enterrar os pés na areia. Vai ser tão romântico — troçou ela. — Já passou algum tempo desde que tiveste uma coisa assim na tua vida.

— Realmente, *já* passou algum tempo desde que tive areia nos pés.

Ela ignorou o meu sarcasmo.

— A propósito, há quanto tempo foi o Phillip? No ano passado? Não que tenha conseguido sequer chegar ao estratuto de namorado. É a tua estúpida lista de regras. Nunca ninguém está à altura.

— Então, acho que vou morrer sozinha.

Fiz um sorriso malicioso e encaminhei-me para a minha mesa preferida, uma que não se via da entrada por ficar tapada pela caixa registadora. Aquele pequeno recanto do café tinha prateleiras altas

de madeira repletas de quinquilharia, plantas em vasos e cerca de uma dúzia de livros de autoajuda (a maioria sobre a observação de aves, a auto-hipnose ou como criar uma atitude positiva através do ioga). Se tinha de ficar por ali umas horas, mais valia ler enquanto a Kamala atendia os clientes. De qualquer forma, uma das coisas que eu planeava fazer na praia era ler. Não era como se eu não conseguisse deixar-me levar por novos planos... OK, era, até certo ponto. Gostava de ter a minha vida planeada. Funcionava melhor assim.

O sino sobre a porta tiniu e entraram dois rapazes, que eu mal conseguia discernir através da planta de folhas largas que estava no balcão. Afundi-me numa cadeira. Um dos rapazes segurava no telemóvel como se fosse tirar uma *selfie*. Mas depois começou a falar.

— Hoje é o momento da verdade, Asher. Aqui, neste café fofeiro de praia — virou o telemóvel para uma enorme concha estampada na parede —, vou provar que tenho razão e vais arrender-te de teres feito uma aposta oficial comigo.

O rapaz sem telemóvel — o Asher, aparentemente — fez um sorriso bem-humorado para o telemóvel quando o amigo o virou na sua direção e se aproximou do balcão.

Eu não tinha planeado ficar ali, por isso estava de *leggings* e *sweatshirt* por cima do fato de banho. Deslizei mais para baixo na cadeira e fingi estar à procura de qualquer coisa no saco enquanto os dois rapazes pediam café.

— Não precisavas de vir — disse o Asher. Era um rapaz magriçela e pálido, de óculos e gorro. Tirou do bolso uma nota de vinte dólares e estendeu-a à Kamala.

— Mas assim como é que eu gravava a tua humilhação para as gerações futuras? — O Tipo do Telemóvel era mais alto. Usava uma *t-shirt* da *Guerra das Estrelas* e calçava umas *Docs*. E *ainda* estava a gravar. — Além disso, achas que esta *rapariguinha* te vai salvar dos predadores da Internet? — Acenou com a cabeça para a Kamala.

— *Mulherzinha* — corrigiu ela na sua maneira atrevida, mas cativante. — E não vou. — Entregou-lhe o recibo com uma pilha de moedas em cima. — Aqui nem sequer temos um botão de pânico.

O Tipo do Telemóvel baixou finalmente o telemóvel.

— Não devias dar essa informação a estranhos.

— Sou crédula — retorquiu a Kamala. E de facto era. Mas também era boa a avaliar o carácter das pessoas. Afinal, eu era a melhor amiga dela.

— Oh, um pouco como tu, Asher — disse o Tipo do Telemóvel. — Partilhas tudo com toda a gente.

O Asher ajeitou os óculos no nariz e sorriu como se aquilo tivesse sido um elogio. Tirou as moedas de cima do recibo e colocou-as no frasco das goijetas.

— Tens alguma pergunta para o meu amigo? — interrogou o Tipo do Telemóvel à Kamala. — Ele diz-te tudo. Queres saber que número calça?

Apontou para o Asher, que disse:

— Quarenta e seis.

— Altura?

— Um metro e oitenta e cinco — replicou o Asher.

O Tipo do Telemóvel baixou a sobrancelha como se não acreditasse nele, mas continuou:

— Trauma de infância preferido?

O Asher abriu a boca como se fosse realmente responder, mas o amigo salvou-o:

— Esquece. De qualquer forma, toda a gente sabe que tiveste uma infância perfeita.

A Kamala tinha na mão uma caneta e um copo para café.

— Hummm... e que tal só um nome?

— Dale — respondeu o Tipo do Telemóvel.

— Oh, já percebi como funciona — disse o Asher. — Eu pago, tu ficas com o crédito.

O Dale, não alimentando a provocação com uma resposta, apontou para a caixinha de madeira sobre o balcão.

— O que é aquilo?

— É uma caixa de sugestões — revelou a Kamala. Ela detestava aquilo; na maior parte do tempo estava cheia de frases de engate ou comentários rudes.

— *Feedback* à moda antiga — comentou o Asher, assentindo. — Boa.

Rasgou um pedaço de papel do bloco ao lado da caixa, escreveu qualquer coisa nele e inseriu-o na ranhura da tampa. Depois, olhou em volta. Eu baixei a cabeça. Os olhos dele nem sequer se detiveram em mim. *Salva pela planta exageradamente grande sobre o balcão.* Apontou para a única cabina, perto da janela, onde alguém tinha pintado uma cena estival: o oceano, um guarda-sol colorido, chineses e uma toalha às riscas.

Há quanto tempo estaria aquilo ali? Estávamos apenas na primeira semana de verão. Teria sido a Kamala a pintá-la?

Os rapazes dirigiram-se para a cabina e sentaram-se. O assobio da máquina de *cappuccino* abafava a conversa do outro lado da sala. Desenterrei do saco as minhas chaves do carro, pensando, afinal, que se calhar me ia embora.

— Então? — perguntou a Kamala, virando-se para o balcão lateral e inclinando-se sobre ele para poder falar baixinho. — Pôr do sol na praia com a tua melhor amiga? Quer dizer, eu cumprio todos os teus critérios específicos do amor, certo? — Pôs a mão sob o queixo como se estivesse a expor a cara numa montra. A Kamala era deslumbrante. Indiana, de cabelo preto, espesso e liso, olhos de um escuro intenso, nariz régio e lábios carnudos. — Agora que penso nisso, se calhar, não. Ultimamente, não tenho lido as tuas regras.

E não as leria. Nunca mais. Já tinha gozado com elas o suficiente, e isso antes de eu ter acrescentado os meus critérios pós-Phillip: *conhecer um rapaz durante seis meses antes de sequer considerar namorar com ele, saber de fonte segura que se dá com pelo menos um membro da família e deve ter um ou mais amigos que conheça desde a escola primária.* Eu não achava que fossem acrescentos injustos. Eram, na verdade, senso comum: as razões que, definitivamente, faziam com que o Phillip não fosse «namotável».

— Claro que cumpres os critérios. És a minha mais que tudo.

A Kamala fez uma careta.

— Isso é mesmo...

— Querido? — respondi com um sorriso malicioso.

— Patético.